

JOSÉ RICARDO ALVES

CAMARGOS: FESTAS, CULTURA E RELIGIOSIDADE

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2004

JOSÉ RICARDO ALVES

CAMARGOS: FESTAS, CULTURA E RELIGIOSIDADE

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História.  
Orientador: Prof. Dr. Ivan Antônio de Almeida

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana. 2004



## Resumo

Monografia de Bacharelado em História Cultural que analisa a comunidade do distrito de Camargos e suas práticas religiosas, sociais e culturais, do início do século XX até os dias atuais, destacando as suas principais festas religiosas, com o objetivo de compreender a influência que tais festas exerciam ou ainda exercem na vida e na cultura da comunidade.

## Ábtract

Monograph of Baccaiaureate in Cultural History that it analyzes the community of the district of Camargos and its religious. social and cultural practices, of the beginning of the century XX to the current days. Highlighting the main religious parties inade in the community with the objective of understanding the influence that such parties exercised or they still exercise in the life and in the communit's culture.

## Sumário

Lista de Ilustrações.....	VI
1.Introdução.....	07
2.O Distrito de Camargo.....	11
2.1. A Vida em Camargos em Meados do Século XX .....	15
3.A Tradição Religiosa do Povo de Camargos.....	18
3.1.A Festa de Nossa Senhora da Conceição.....	22
3.2.A Festa de Nossa Senhora do Rosário.....	26
3.2.1.O Reinado de Nossa Senhora do Rosário.....	28
3.2.2.A Distribuição de Vinho e de Quitandas.....	29
3.3.A Festa de Santa Eugênia.....	30
3.4.A Festa da Santa Cruz.....	31
4.Conclusões.....	34
5.Bibliografia.....	36
5.1.Livros citados e/ou consultados.....	36
5.2.Artigos citados e/ou consultados.....	37
5.3.Dicionários.....	37
5.4.Sites da Internet, Enciclopédias e Dicionários Eletrônicos.....	38
5.5.Fontes primárias.....	38
5.6.Entrevistas.....	39

## Lista de Ilustrações

Foto n.º 1	Missal da Igreja de Camargos.....	10
Foto n.º 2	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Cruzeiro de Pedra	14
Foto n.º 3	Procissão de Nossa Senhora da Conceição.....	25
Foto n.º 4	Cruzeiro de Madeira Enfeitado para Festa.....	33

## 1. Introdução

Ao iniciar a coleta de dados para a execução de minha pesquisa, tinha em mente estudar apenas a principal festa realizada pela comunidade de Camargos. ou seja, a festa de sua “santa padroeira”<sup>1</sup>. Nossa Senhora da Conceição. Contudo à medida que mantive contato com a gente do lugar, descobri uma cultura religiosa que não se limita apenas à celebração de sua padroeira. Acabei penetrando em uma magnífica tradição religiosa herdada dos desbravadores das alterosas, que me incentivou a mudar o tema e o objeto de minha pesquisa.

Em conversas informais e nas entrevistas com as pessoas de Camargos percebi que, para o povo do lugar, todas as festas religiosas realizadas em sua comunidade não são apenas ritos festivos em homenagem a uma determinada entidade religiosa. Para essas pessoas e em especial para as mais velhas que viveram o auge desses festejos, as festividades religiosas celebradas durante o ano. funcionavam, ou em alguns casos ainda funcionam, como elemento propulsor da cultura dentro da comunidade.

Essa função de elemento propulsor da cultura que as festas religiosas exercem para a comunidade de Camargos e o cerimonial que envolve cada uma dessas manifestações religiosas foi o ponto principal que procurei investigar em minha pesquisa. Para realizar minha investigação, utilizei os recursos da História Oral, entrevistando formalmente cinco pessoas da comunidade de Camargos. Já que praticamente todas as pessoas com quem conversei informalmente me falaram quase a mesma coisa sobre a vida em Camargos e sobre as festas religiosas lá realizadas,

---

<sup>1</sup> Sarna padroeira, santo padroeiro ou patrono: Santo em cuja honra e sob cujo nome são dedicados a Deus uma igreja, um edifício ou uma instituição. ATTWATER. Donald. Dicionário de Santos.

limitei as minhas entrevistas formais. Contudo, obtive acesso a um grande número de informações ligadas diretamente ou não ao objeto de minha pesquisa, informações tais como: histórias e contos do imaginário popular da comunidade de Camargos expressas em “causos” de assombração, de magia, de feitiçaria: lendas a respeito do cruzeiro de pedra e dados sobre outras localidades, como Santa Rita Durão, onde segundo informações existiu no passado uma grande atividade agrícola, com plantações de videiras na localidade de Macaquinho e o cultivo de terras públicas pelo povo do lugar. Atividade agrícola que, com o Tempo, deixou de existir devido à invasão das terras do arraial pelo cultivo do eucalipto com o objetivo de produzir carvão vegetal para abastecer as indústrias siderúrgicas.

Durante esse contato com a gente de Camargos, soube também da existência de dois livros antigos, de provável valor histórico, relacionados com Camargos. Um desses livros é um missal (foto n.º 1) escrito em latim, com capa de madeira, enviado de Roma para a igreja de Camargos por volta do século XVIII, que se encontra atualmente sob a guarda do Museu de Arte Sacra de Mariana. O outro livro é o livro de registros n.º 1 do Cartório de Registros Civis de Camargos, onde se tem registrados dados sobre a população de Camargos. como: nascimentos e mortes, registros de compra e venda, desde meados do século XIX . Esse livro se encontra em poder da titular do cartório de registros civis de Camargos.

Na comunidade de Camargos, no período analisado (início do século XX até os dias atuais) posso afirmar que a cultura gira entorno das festas religiosas, ou melhor dizendo, as principais manifestações culturais existem para celebrar a religiosidade, assim como em quase todas as localidades do interior de Minas Gerais. Todavia, procurei comprovar essa afirmação através do estudo abrangente da vida e

dos hábitos dos cidadãos de Camargos nesse período, e principalmente de suas tradições festivas em honra aos santos e santas de sua devoção. Porém, para que fosse possível atingir os meus objetivos, me obriguei a estudar sobre como foi o surgimento e formação do arraiai dos Camargos. bem como eram ou ainda são, as principais manifestações culturais e religiosas *âo* seu povo. onde se destacam as festas de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Efigênia e a da Santa Cruz.

**Foto N.º 1: Missal da Igreja de Nossa Senhora da Conceição**

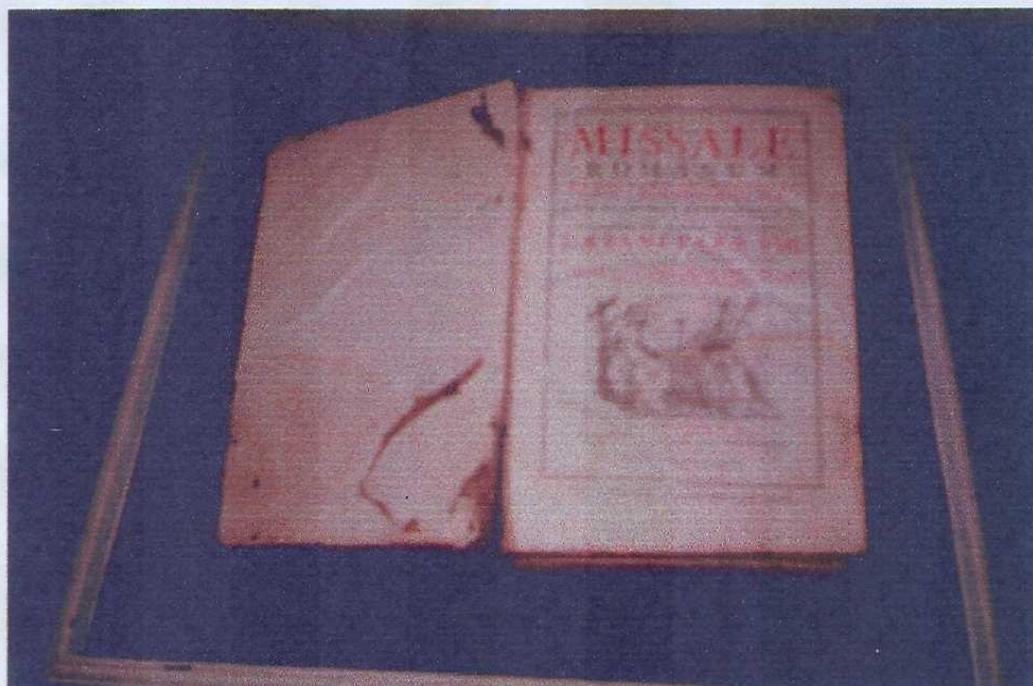


Foto de Dario Jorge Pereira

## 2. O Distrito de Camargos

Tomás Lopes de Camargo, que fez parte da bandeira do Pe. João de Faria Fialho, minerou durante algum tempo no Ribeirão do Carmo e, em 1701, segundo narra Diogo de Vasconcelos em sua obra “História Antiga das Minas Gerais”, teria, por causa da escassez de alimentos que se abatera sobre a região do Carmo e de Vila Rica, seguido para o norte, juntamente com seus irmãos, Fernando Lopes de Camargo e João Lopes de Camargo, em busca de um local que oferecesse melhores condições para obtenção de aumentos. Encontrando um ribeiro aurífero, logo se estabeleceu, dando surgimento a uma nova povoação, que, com o tempo recebeu o nome plural de arraiai dos Camargos, e depois distrito de Camargos, o qual conserva até hoje.

O arraial de Camargos fica a aproximadamente 18 Km de Mariana, “freguesia de natureza colativa<sup>2</sup> por alvará régio de 24 de Agosto de 1755. Teve como primeiro vigário colado<sup>3</sup> Manuel Ferreira da Ascensão, apresentado por carta régia de 1.º de Setembro de 1755<sup>4</sup>”. A sua Paróquia, segundo informações do entrevistado Dano Jorge Pereira, é de 16 de Fevereiro de 1718 . “Tendo sido elevado a sede distrital pela lei n.º 52. de 1836”<sup>5</sup>. tem como sub-distritos Bento Rodrigues. Bicas e Fundão.

Para o Cônego Raimundo Trindade, segundo a tradição e os assentos da freguesia, a fundação de Camargos se deu por volta de 1698 . Essa informação não coincide com o autor de “História Antiga das Minas Gerais”. Diogo de Vasconcelos,

---

<sup>2</sup> Colativa: Relativo à colação, que é conferido, indicado. Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, p. 668.

<sup>3</sup> Vigário colado: Classificação do vigário continuado pelo Padroado. O agraciado percebia então uma cõngrua do Poder Civil que lhe assegurava certa estabilidade no gozo do benefício. RODRIGUES, Flávio Carneiro. Glossário do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

<sup>4</sup> TRINDADE, Cônego Raimundo. Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro. 1945.

<sup>5</sup> BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais. B H, 1971.

<sup>6</sup> Arquidiocese de Mariana. 1.º vol., p. 67.

que defende que os irmãos Camargo fundaram a localidade que leva o seu nome por volta de 1701. Contudo, no “Livro de Lotação das Freguesias deste Bispado” (Arquivo Eclesiástico de Mariana), lê-se: “Segundo a tradição e os assentos da freguesia de N.S.<sup>a</sup> da Conceição de Camargos, a sua fundação foi pelos anos de 1690, começando a ser igreja paroquial daquele tempo em diante”<sup>7</sup>.

O arraial dos Camargos teve sua população suprimida e depois restaurada várias vezes, atingindo sua maior opulência por volta do século XVIII, com a exploração do ouro. “No censo realizado em 1831, o distrito de Camargos apresentou uma população composta por 248 pessoas livres. 118 cativos, com o total de 366 habitantes”<sup>8</sup>. Já no censo realizado em 1990, a população de Camargos se resumia a 75 pessoas<sup>9</sup>, residentes dentro do arraial e em seu entorno.

Pela descrição da igreja matriz de Camargos, podemos ter uma idéia do que ela representa como patrimônio do período colonial:

...Seus altares marcam já a época do barroco, com talhas apreciáveis do período jesuítico, profuso douramento. Possui a igreja belas imagens antigas: no altar mor. a padroeira, NS da Conceição. NS do Rosário, belíssima Santa Ana, S José. S Sebastião; no altar lateral da direita, NS das Mercês; no lateral da esquerda Sta. Efígênia; em outro Santa Ana, São João, S Vicente de Paula, S Geraldo e NS da Conceição (de barro pequena e bonita). Há na sacristia uma bonita cômoda de jacarandá, e informou-nos o zelador que havia aí uma outra, de jacarandá, mais trabalhada, a qual foi há tempos vendida pelo vigário José Caetano. Possui a matriz custosas e belíssimas alfaias. Em frente à igreja, mais ao móvel do arraial, existe um belíssimo cruzeiro de pedra-sabão.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Livro de Lotação das Freguesias deste Bispado, fl. 103v.

<sup>8</sup> BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais. B H, 1971.

<sup>9</sup> Dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>10</sup> Descrição da Matriz de Nossa Senhora da Conceição em inventário feito peio IPHAN, datado de 15 de Agosto de 1946 e assinado por Salomão de Vasconcelos. Pasta de Inventário (MMG Mariana - Igreja A - P; envelope: Ig. de Conceição - Camargos) Arquivo Central Rio - SPHAN/Pro-Memória. Custodiada no escritório do IPHAN em Mariana.

A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (foto N.º 2), é o único templo ainda ereto em Camargos. Foi, segundo a tradição local, erguida a partir de meados do século XVIII, em substituição à antiga capela que existiu desde o começo do povoado. De autoria desconhecida, é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde de 25 de setembro de 1937, sendo considerada como um dos maiores templos construídos em Minas em louvor à Imaculada Conceição.

Definida pelo IPHAN como uma “construção de pedra e cal guarnecida por cantaria de pedra sabão”<sup>12</sup>, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição passou, segundo relatos do IPHAN, por uma grande reforma feita em 1920, onde o telhado teria sido levantado em um metro para melhor acomodação do coro e das torres<sup>13</sup>. Atualmente a igreja de Nossa Senhora da Conceição é zelada pela comunidade através da Associação Administrativa Nossa Senhora da Conceição e se encontrando em bom estado de conservação, depois de ter passado por reformas patrocinadas pela iniciativa privada, anos atrás<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Inventário feito pelo IPHAN, datado de 15 de Agosto de 1946, assinado por Salomão de Vasconcelos. Pasta de Inventário (MMG Mariana - Igreja A - P; envelope: Ig. de Conceição - Camargos) Arquivo Central Rio - SPHAN/Pro-Memória. Custodiada no escritório do IPHAN em Mariana.

<sup>12</sup> *Idem.*

<sup>13</sup> *Idem.*

<sup>14</sup> A Matriz de Nossa Senhora da Conceição, teve a sua restauração patrocinada pela empresa do ramo de tecelagem Wembley, de propriedade do atual Vice-presidente da República José de Alencar.

**Foto N.º 2: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e  
Cruzeiro de Pedra**



Foto do DVD da cidade de Mariana

## 2.1. A Vida em Camargos em Meados do Século XX

O arraial de Camargos, no início do século XX, possuía uma comunidade que, apesar de estar próxima da cidade de Mariana, mantinha um certo isolamento e autonomia. Tudo que a população necessitava para sua sobrevivência era produzido dentro do próprio arraial. Segundo as pessoas mais antigas do lugar, como a Dona Florípes Alves Cardoso, as poucas coisas que eram importadas de outras localidades, eram o querosene para as lamparinas, sal, medicamentos, roupas e artigos relativos ao vestuário.

A alimentação da população era baseada, praticamente, naquilo que era colhido ou produzido dentro da própria comunidade. Na maioria das residências, o arroz era comida fina, reservada para os domingos e dias de festa. Nos dias comuns comia-se basicamente o feijão com o angu, acompanhados de uma verdura como a couve (cultivada no próprio quintal de casa) ou de um legume como a abóbora e o chuchu. As carnes de boi, de porco e de frango só faziam parte do cardápio quando se abatia um frango, um porco ou um boi do próprio terreiro, ou quando uma rês de alguém da comunidade comia erva venenosa no campo e tinha que ser sacrificada e o proprietário dividia carne com os seus vizinhos. Também se comia carne de caça e peixes, que eram pescados nos riachos dos arredores de Camargos.

Em Camargos, em meados do século passado, a população vivia da plantação de roças, onde colhiam principalmente o milho e o feijão, e da extração de ouro nos ribeiros. O arraial também possuía oficiais<sup>15</sup>, como: celeiro, sapateiro e carpinteiro. Possuía ainda posto de correios e dois armazéns, onde, além de se encontrar

---

<sup>15</sup> Oficial: Pessoa que conhece bem o seu ofício, a sua profissão. DICIONÁRIO MICHAELIS/UOL edição 2001, versão em CD.

alimentos, podia-se encontrar vários artigos de uso cotidiano, e esses ainda funcionavam também como ponto de compra do ouro tirado nos riachos do lugar.

O isolamento da comunidade de Camargos era, segundo depoimentos de moradores como o Sr. Geraldo Cardoso, provocado, em parte, devido às dificuldades de locomoção, haja visto que as estradas que ligavam ao lugar, só permitiam o tráfego de pedestres e de cavaleiros. Se alguém da comunidade ficava doente, tinha que se deslocar até Mariana. ou mandar um portador com um bilhete destinado ao farmacêutico Sr. Amancio<sup>16</sup>, explicando os sintomas da enfermidade e o que estava sentindo e o Sr. Amancio, por sua vez, quando o caso era mais simples, retornava o bilhete explicando como deveria ser o tratamento, juntamente com os remédios. Quando era necessário, o próprio farmacêutico se deslocava até Camargos para examinar o doente. Se o caso implicasse em internação, o doente era transportador até o antigo hospital de Mariana<sup>17</sup>, a cavalo. Nos casos mais graves, a comunidade se reunia, e o doente era transportado em uma padiola carregada por quatro homens, feita com pedaços de madeira amarrados na própria cama do doente.

A comunidade de Camargos só saiu do isolamento com a abertura da estrada para automóveis, o que segundo um dos antigos moradores de Camargos, o Sr. Geraldo, só aconteceu por volta de 1946, quando a Companhia Minas da Passagem abriu uma estrada ligando Mariana ao sub-distrito de Bicas (onde a empresa possui uma usina hidrelétrica) e a Prefeitura Municipal de Mariana aproveitou e fez a ligação de Camargos até essa estrada.

---

<sup>16</sup>Amancio Arinos de Queiroz: Farmacêutico residente em Mariana, na época. Era muito procurado pelas pessoas mais carentes. Apesar de não ser médico, atendia em sua farmácia, localizada na rua Direita.

<sup>17</sup> Na época, o hospital de Mariana era localizado na rua Nova (.rua D. Silvério) em prédio anexo ao Colégio Providência, possuía apenas um médico, e funcionava em condições precárias. Foi fechado depois da inauguração do Hospital Monsenhor Horta.

Como recorda o Sr. Geraldo;

Era mais difícil era mais difícil, ia muita gente dia de festa. Eles iam a cavalo. Depois veio a estrada, começou a fazer a estrada. Estrada, essa estrada foi feita com a ajuda da companhia de Passagem e da Prefeitura, não foi a Prefeitura sozinha não. Desde que tocou estrada para Bicas, tirou aquela estrada para Camargos também. Foi em mil e novecentos e. foi em mil e novecentos e quarenta, quarenta e seis mais ou menos, que fez estrada para Camargos, foi aquele trilho não? Estrada de terra, carro para ir lá precisava de corrente, não era encascalhada. Hoje em vista do que era a estrada, está muito boa, pode ir lá em baixo de chuva, você chega lá tranquilo, não tem nada para agarrar não. As coisas estão mais facilitadas.<sup>18</sup>

Camargos nesse período possuía escola de ensino fundamental, que contava com apenas uma professora para educar todas as crianças da comunidade, da 1.ª série até a 3.ª série, a Dona Amanda. que infelizmente faleceu há alguns meses, com mais de 90 anos de idade, deixando uma vasta legião de ex-alunos.

Por volta de 1951, 1952, segundo os moradores mais antigos de Camargos, os moradores de Camargos começaram a mudar de lá para outros lugares, em busca de trabalho em empresas como a Companhia Minas da Passagem<sup>19</sup> localizada em Passagem de Mariana e a Alcan Alumínio do Brasil<sup>20</sup>, em Ouro Preto, deixando as suas casas, na maioria de pau-a-pique, abandonadas, para ruir com a ação do tempo.

Como lembra o Sr. Dano:

...daí o pessoal começou a sair para trabalhar na Companhia da Passagem, mas foi depois de mil e novecentos e cinquenta e um. cinquenta e dois para cá. É, em cinquenta e um, nós mudamos para Mariana fomos uma das primeiras famílias a sair de Camargos. devido a meu pai já trabalhar aqui, ficava muito difícil ele ir para Camargos e voltar fim de semana, aquela coisa. Nisso o pessoal foi saindo. A mina da Passagem começou a empregar muita gente, a Alcan, Teve uma revolução muito grande nas companhias no sentido assim, de produtividade, então eles mudaram, muita gente de Camargos para Ouro Preto, para Passagem de Mariana, e esse pessoal que frequentava esse tipo de lugar a maior parte eram

<sup>18</sup> Depoimento do Sr. Geraldo Cardoso, antigo morador do distrito de Camargos.

<sup>19</sup> Companhia Minas da Passagem: A Companhia Minas da Passagem foi fundada pelos ingleses no século XIX, para explorar as minas de ouro existentes em Passagem de Mariana, hoje quase desativada, pertence à família Guimarães do Rio de Janeiro.

<sup>20</sup> Alcan Alumínio do Brasil: Multinacional de origem canadense, produz alumínio no município de Ouro Preto.

músicos da banda, lã tinha uma banda muito boa, músicos dos melhores da região, então o que aconteceu, a Companhia de Passagem começou a pegar os músicos de Camargos e dar emprego para eles. ai eles tocavam na Banda de Santa Cecília e na Banda de São Sebastião. Na Banda de Santa Cecília, a maior parte dos músicos são descendentes todos daqui, são de Camargos, da banda de Camargos, então saiu todo mundo. Veja só. uma banda com trinta e tantas figuras, sai trinta e tantas famílias dum distrito daquele a evasão é muito grande. E foi também o mesmo caso para a Alcan. Eles foram trabalhar na Alcan. A oferta de emprego, a roça estava difícil, a oferta de emprego era boa, fichar, carteira assinada, então foram trabalhar em Saramenha e tocar na Banda de Senhor Bom Jesus de Matosinhos, cuja banda tem músico de Camargos, de Bento Rodrigues, até hoje. Inclusive o presidente da banda, do Senhor de Matosinhos, é de Camargos, que é o Benedito. E com isso o lugar ficou vazio e ai foi acabando aquela festa, não tinha mais como fazer, então eles pararam com a festa, como a festa tinha um custo muito alto, e com isso o pessoal saiu com as famílias e vieram para trabalhar nesses lugares...<sup>21</sup>

### 3. A Tradição Religiosa do Povo de Camargos

A religiosidade é algo que o povo de Camargos, assim como todo povo mineiro, deve aos primeiros desbravadores que o fascínio do ouro atraiu para a região das Gerais. Tradição que, segundo José Ramos Tinhorão, em sua obra “As Festas no Brasil Colonial”<sup>22</sup> .aportou no Brasil com os primeiros portugueses, vindos de uma Europa ainda sob a influência do controle teocrático da sociedade.

Apesar dos inúmeros perigos, que a entrada pelo sertão trazia, das lutas contra os índios e contra os agentes naturais, os primeiros desbravadores das Gerais não mediam esforços para manterem junto de si as imagens da Virgem Mãe ou do santo de devoção. Nos arredores dos locais de exploração do ouro procuravam exercer a sua religiosidade, erguendo uma capela ou um cruzeiro, que com o tempo transformava o local em um pequeno arraial. Aliás, a palavra arraial, que segundo o professor Wagner Ribeiro em sua obra “Noções de Cultura Mineira”, em Portugal

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida pelo Sr. Dario Jorge Pereira.

quer dizer “ajuntamento para festa religiosa”<sup>23</sup>. Ajuntamento que acontecia nos domingos e dias dedicados aos santos, nos primeiros arraiais da Minas Gerais colonial, quando ainda, segundo o professor Wagner Ribeiro, a gente que vivia em seus arredores, se juntava em suas capelas para assistir a missa, e para participar dos ritos religiosos .

Em Camargos, no início do século XX. o exercício religioso fazia parte do cotidiano de sua população que, rezando junto aos oratórios existentes na maioria dos lares ou reunindo-se aos domingos nas missas e nas confrarias ou irmandades, ou principalmente nas festas religiosas, estavam sempre prestando tributos aos santos e santas de sua devoção.

Boa parte da população adulta de Camargos se juntava aos domingos, segundo Informações dos entrevistados, para as reuniões da Irmandade de São Vicente de Paula (Conferência de São Vicente de Paula), da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, da Irmandade de Nossa Senhora das Dores, da Irmandade do Senhor Jesus e da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Além dessas Irmandades existentes no início do século XX, existem registros no Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana, que comprovam a existência em Camargos da Irmandade das Almas, desde de 1718<sup>25</sup>, e da Irmandade de São Miguel e Almas, a partir de 1737<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> TINHORÃO, José Ramos. As Festas no Brasil Colonial. Introdução. São Paulo. Editora 34, 2000.

<sup>23</sup> JUBEIRO, Wagner. Noções de Cultura Mineira. Cap. II. As Formações Urbanas em Minas Gerais. Editora FTD, Belo Horizonte, 1966. p, 14.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>25</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. código F.31.

<sup>26</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Livros Paroquiais, armário 8, prateleira 1. p.79.

A religiosidade da gente de Camargos também era manifestada através da música, na Banda de Nossa Senhora da Conceição, e com a tradição de origem negra do Congado de Nossa Senhora do Rosário.

A Banda de Nossa Senhora da Conceição, segundo os seus antigos músicos, como o Sr. Geraldo, tocava em todas as festas religiosas da comunidade, além de participar de festas fora do arraial, quando convidada. Aos domingos, se não ia tocar fora de Camargos, ensaiava e fazia retreta no adro da igreja ou em frente a um antigo casarão que existia ao lado do cruzeiro de pedra. Possuía, segundo relatos do Sr. Dario entre 30 e 34 membros, que eram regidos pelo então pároco de Camargos, Cônego Caetano<sup>27</sup>, e depois pelo maestro João Cardoso<sup>28</sup>. A banda também oferecia aulas de música para as crianças e os jovens da comunidade, que tinham nessa atividade sua principal diversão. Segundo o Sr. Dario, a Banda de Nossa Senhora da Conceição possuía alguns dos melhores músicos da região, a ponto de alguns dos seus integrantes serem assediados pelas bandas de Passagem de Mariana e de Ouro Preto, que ofereciam para alguns deles até mesmo emprego na Companhia Minas da Passagem e na Alcan Alumínio do Brasil.

No Congado de Nossa Senhora do Rosário, cantavam-se os seguintes versos

Maria nossa mãe  
Maria vem nos visitar  
O mãe mais querida!  
Maria vem nos visitar  
Somos uns pobres coitados  
Que peio mundo a penar  
Quero o povo a saber

---

<sup>27</sup> Cônego José Caetano: Não foi possível encontrar informações detalhadas sobre o mesmo. O que se sabe a seu respeito, através dos antigos moradores de Camargos, é que ele também era músico e que teria deixado a paróquia de Camargos, depois de desentendimentos com alguns moradores do lugar.

<sup>28</sup> João Cardoso: Maestro da Banda de Nossa Senhora da Conceição, segundo informações do Sr. Geraldo Cardoso, foi músico do Exército Brasileiro e depois de se aposentar, mudou-se para Camargos para reger a banda do lugar e ensinar música.

Que nossa mãe a reinar  
Ó mãe maravilhosa  
Vem nos visitar.<sup>29</sup>

Os versos acima eram cantados pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário, que participava também das homenagens à Nossa Senhora da Conceição, além de aformosear o cerimonial do reinado e a festa de Nossa Senhora do Rosário. Formado só por homens, segundo informações do Sr. Dario e de D. Florípes, o Congado de Nossa Senhora do Rosário era incumbido de buscar o rei e a rainha da festa de Nossa Senhora do Rosário e toda a sua corte, em cortejo, de suas casas até a igreja, durante o reinado, que era realizado durante as celebrações de Nossa Senhora do Rosário. Deixou de existir, segundo o que pode ser apurado entre todos os entrevistados, bem antes da festa de Nossa Senhora do Rosário parar de ser realizada, entretanto, o motivo que levou a isso e o ano que aconteceu, são desconhecidos.

A Semana Santa também era celebrada todos os anos em Camargos, com as tradicionais procissões e cerimônias. Todos os meses, o padre responsável pela paróquia, que também respondia por outras paróquias vizinhas, como a de Catas Altas. Santa Rita Durão. Fonseca e Passagem de Mariana. passava alguns dias hospedado na casa paroquial do arraial, oportunidade em que celebrava missa e atendia os fiéis, conforme relato de D. Florípes. Também, segundo o relato de D. Florípes, era feita a adoração do Santíssimo Sacramento, todos os meses em Camargos.

Como se pode notar, a prática religiosa ocupava boa parte do tempo das pessoas da comunidade de Camargos. Os momentos em que não estavam trabalhando, estavam celebrando algum santo ou santa, ou preparando os principais

---

<sup>29</sup> Segundo a entrevistada D. Florípes, esse era o Cântico, cantado pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário, em homenagem a Virgem da Conceição.

festejos religiosos do arraial: as Festas de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Efigênia e da Santa Cruz. conforme veremos a seguir.

### 3.1. A Festa de Nossa Senhora da Conceição

Santa Padroeira do distrito de Camargos. Nossa Senhora da Conceição tem o dia 8 de dezembro, dedicado pela Igreja Católica para a sua homenagem. Em Camargos, o povo presta a sua homenagem, festejando sua santa padroeira no mês de julho, contudo, é sabido que no passado tal homenagem era oferecida no mês de dezembro, no final de semana mais próximo à data dedicada a Virgem da Conceição conforme nos foi relatado pela D. Florípes e os senhores Geraldo e Dario.

Essa mudança de datas de realização da festa de Nossa Senhora da Conceição ocorreu conforme relatos do Sr. Geraldo. devido aos transtornos provocados pelas chuvas que são abundantes na região nos meses de dezembro. Segundo o antigo morador de Camargos, Sr. Dario. o Padre Veloso<sup>30</sup>, pároco de Camargos na época, em acordo com a comunidade, decidiu transferir a festa de Nossa Senhora da Conceição de dezembro para julho, porque no mês de dezembro o acesso ao distrito era dificultado pelo excesso de chuvas, além do problema de que quase sempre os festejos realizados ao ar livre eram prejudicados pela da chuva.

No passado, antes da festa deixar de ser realizada, segundo os moradores de Camargos, como a D. Maria Isabel Diniz da Silva e o Sr. Dario os festejos de Nossa Senhora da Conceição, começavam sempre no sábado, com a procissão da Bandeira de Nossa Senhora da Conceição e com o levantamento do mastro em sua

homenagem, sempre com a participação do Congado de Nossa Senhora do Rosário, da Banda de Música de Nossa Senhora da Conceição, muitas vezes apoiada por outra corporação musical visitante (convidada pela comunidade para participar dos festejos) e com a presença em massa da população.

À noite, ainda era organizado um baile, onde os músicos do lugar e os visitantes cuidavam da animação. No domingo, ao raiar do dia, a comunidade era despertada com fogos de artifício e com a banda de música local apoiada pela banda convidada, tocando em alvorada. Pela manhã ainda, era celebrada a missa, que contava com a presença de orquestra e coral formados pelas pessoas do próprio arraial. Durante a missa, acontecia a coroação de Nossa Senhora da Conceição, feita pelas crianças vestidas de anjo. A tarde, era realizada procissão, com a Virgem da Conceição percorrendo as ruas do distrito, acompanhada pelo congado, pelas bandas, pela população local e pelos visitantes em geral. Os festejos terminavam com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Como todas as outras festas que eram realizadas em Camargos no passado, a festa de Nossa Senhora da Conceição deixou de ser feita, depois que a maioria da população migrou, ficando extinta por muitos anos. até que em meados de 1980 ou 1983, algumas pessoas da comunidade e antigos moradores, em reunião, decidiram voltar a celebrar a sua padroeira. De início segundo essas pessoas, como a D. Maria Jorge Barbosa de Paula, elas se viram às voltas com inúmeras dificuldades, desde a falta de verba para custear os festejos, até a falta de público para participar da festa. Custearam as primeiras festas, pedindo doações e com os seus próprios recursos; levavam ônibus com pessoas de outras localidades e convidavam bandas de música

---

<sup>30</sup> Padre José Versiani Veloso: Não foi encontrado nenhum registro sobre o mesmo, nem mesmo no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

de lugares vizinhos, como Passagem de Mariana, para participarem dos festejos. Apesar das dificuldades iniciais, a festa de Nossa Senhora da Conceição não deixou mais de ser realizada, sendo coordenada atualmente pela Associação Administrativa Nossa Senhora da Conceição, que constitui uma comissão para organizar a festa.

Os festejos de Nossa senhora da Conceição ainda conservam, algumas características do passado, apesar de ter sofrido alterações e adaptações. Devido à baixa população de Camargos, a maioria do público é formado por pessoas vindas de outros lugares; por não existir mais banda de música no distrito, sempre é convidada uma corporação musical de fora do arraial para tocar nas procissões e missas. Não existe mais a participação de congado na festa. Geralmente acontece, na noite do sábado, uma quadrilha ou um show com artistas trazidos de outros lugares. Em lugar do baile, que era organizado no passado; alguns dias antes da realização da festa, é feito um Tríduo Preparatório<sup>31</sup>, onde segundo o Sr. Dano, os residentes de Camargos se reúnem na igreja para rezar o terço e a ladainha em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

---

<sup>31</sup> Tríduo Preparatório: Celebração que dura três dias. Dicionário Michaelis/UOL, edição 2001, versão em CD.

**Foto N.º 3 – Procissão de Nossa Senhora da Conceição**



Foto de Maria Jorge Barbosa

### 3.2. A Festa de Nossa Senhora da Rosário

Nossa Senhora do Rosário, é uma “invocação da Virgem Maria que teve origem na Europa no século XIII e está ligada a uma aparição de Nossa Senhora a São Domingos quando este fazia uma grande campanha pela prática da recitação do Rosário”<sup>32</sup>. No Brasil foi adotada pelos escravos negros como sua santa padroeira. Em Camargos era celebrada pela comunidade entre os meses de agosto e outubro, sendo a maioria das vezes em agosto a data escolhida para o seu festejo.

Como na festa de Nossa Senhora da Conceição, a população de Camargos se preparava durante todo ano para festejar Nossa Senhora do Rosário e receber os visitantes de várias localidades, que geralmente iam para lá a cavalo e se hospedavam nas casas dos conhecidos. Também como os festejos de Nossa Senhora da Conceição, a comemoração de Nossa Senhora do Rosário com o tempo deixou de ser realizada, hoje não existe mais, apesar da vontade de várias pessoas, como os senhores Geraldo e Dario. de voltar a homenagear a padroeira dos negros.

...eu estou sendo cobrado inclusive, porque eu faço parte da associação da igreja, da comunidade da igreja e mexo diretamente com festas no município e com isso havia um pessoal do turismo, cujo eles me cobram essa festa, eles me cobram essa festa, para mim voltar a fazer essa festa também de Nossa Senhora *do* Rosário, é uma festa, cara para nós é muito difícil fazer. Porque ali depende do rei e da rainha, são vestes caríssimas, depende de muita pompa, os príncipes...<sup>33</sup>

De origem e influência negra, os festejos de Nossa Senhora do Rosário em Camargos, segundo os antigos moradores do distrito, começavam no sábado com a procissão da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, com a posse do reinado abrilhantada pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário, e com o baile organizado pela comunidade, com a participação dos músicos do lugar, dos visitantes e da

---

<sup>32</sup> ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL, edição 2000. versão em CD.

<sup>33</sup> Trecho da entrevista concedida pelo Sr. Dario Jorge Pereira.

maioria dos moradores. No domingo, as homenagens continuavam com a alvorada logo ao amanhecer, feita pela banda de Nossa Senhora da Conceição, geralmente com a participação de outra banda visitante. Pela manhã, ainda era celebrada a missa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, em seguida era realizado um leilão com prendas doadas pela comunidade, com o objetivo de arrecadar fundos para costear a festa. Após o leilão as celebrações se encerravam com os moradores e visitantes sendo convidados para se fartarem com o vinho e com as quitandas ' doadas pelo rei e pela rainha da festa.

A festa de Nossa Senhora do Rosário, apresentava algumas características que podem, ainda hoje, ser vistas nos festejos negros de Nossa Senhora do Rosário realizados no Brasil, como a coroação simbólica de um rei e de uma rainha da festa e a participação de grupo de congado nos festejos. Também era caracterizada pela distribuição de vinho e de quitandas para as pessoas presentes nos festejos de Nossa Senhora do Rosário.

Como já foi registrado, hoje a festa de Nossa Senhora do Rosário não é mais realizada, apesar da vontade declarada por várias pessoas de Camargos de voltar um dia a homenagear a padroeira dos negros.

O alto custo da festa, provocado principalmente pelo reinado, que tem de se apresentar ostentando muito luxo e pompa, pode ser apontado como o principal entrave, para se voltar a fazer os festejos de Nossa Senhora do Rosário.

---

<sup>34</sup> Quitanda: Expressão utilizada no interior de Minas Gerais, que se refere a guloseimas feitas a base de farinha de trigo e fubá de milho, como bolos, pães, roscas e biscoitos.

### 3.2.1. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário

Tradição legada pelos escravos negros vindos da África para o Brasil, a escolha e coroação simbólica do rei e da rainha da festa de Nossa Senhora do Rosário constituía o momento mais aguardado pela gente de Camargos e os seus visitantes, durante as comemorações da Virgem do Rosário, Ser rei ou rainha de Nossa Senhora do Rosário era para as pessoas de Camargos. uma demonstração pública de que gozava de boas condições financeiras, além de ser uma maneira de se destacar dentro da comunidade.

O cerimonial que envolvia o remado de Nossa Senhora da Conceição, segundo as pessoas que o vivenciaram, era o mais luxuoso e pomposo possível dentro da realidade da comunidade de Camargos. Segundo depoimentos, como os dados pelo Sr. Dario e pela D. Floripes, apesar das vestes do rei, da rainha, do príncipe, da princesa e do restante da corte serem as mesmas todos os anos, todos se apresentavam com a máxima suntuosidade possível. Era nessa ocasião que cada qual procurava deixar de lado a dureza cotidiana da lida nas roças e rios. para atuar como monarcas, mesmo que alego ricamente por apenas o período dos festejos. Constituíam partes integrantes da vestimenta oficial do rei e da rainha de Nossa Senhora do Rosário, objetos que simbolizam a monarquia, como cetros e coroas, (alguns deles até pouco tempo, ainda se encontravam guardados na igreja de Camargos) e outros como um par de brincos de ouro<sup>35</sup>, usados pela rainha, que tinham a função de dar ares de luxo e esplendor.

---

<sup>35</sup> A existência desses brincos me foi revelada pela entrevistada D. Floripes. outros moradores confirmam a sua existência, contudo ninguém soube informar a onde eles estão.

O rei, a rainha e sua corte, que tomavam posse em um determinado ano, passavam o reinado no ano seguinte para outros que, como eles, eram escolhidos pela comunidade, através dos responsáveis pela realização da festa, os festeiros. No ano em que tomava posse, o rei era responsável por doar o vinho, e a rainha contribuía com as quitandas, ambos distribuídos para os participantes da festa no domingo. No ano seguinte, ao passar o reinado, o rei, a rainha e toda a sua corte também contribuía com uma determinada quantia, que era usada para custear as despesas da festa de Nossa Senhora do Rosário.

### 3.2.2. A Distribuição de Vinho e de Quitanda

Todos os anos no domingo da festa de Nossa Senhora do Rosário, eram distribuídos para o povo, pelo rei cerca de 100 litros de vinho e pela rainha grande quantidade de quitandas, conforme informações de antigos moradores de Camargos, como D. Maria Jorge e o Sr. Dario. Porém, após algum tempo, tanto o rei quanto a rainha, passaram a distribuir juntos., não se sabe por qual motivo, apenas o vinho.

O vinho distribuído na festa de Nossa Senhora do Rosário, no início vinha do distrito de Santa Rita Durão onde era produzido pelo imigrante italiano Antonio Fantausi<sup>36</sup> na localidade denominada por Macaquinho, depois passou a ser comprado na localidade de Catas Altas e na cidade de Mariana. De ótima qualidade o vinho era consumido em grande quantidade tanto por homens, quanto por mulheres durante a

---

<sup>36</sup> Antônio Fantausi: Segundo informações conseguidas junto aos moradores mais antigos do arraial de Santa Rita Durão (como o Sr. Antônio Margarida de Paula), era imigrante italiano e teria mudado para o arraial por volta de 1930. onde se estabeleceu e passou a se dedicar ao cultivo da uva e a produção do vinho. Ainda segundo essas mesmas pessoas. Antônio Fantausi teria falecido em Santa Rita Durão, anos depois, não deixando descendentes.

festa, deixando varias pessoas embriagadas. Mas segundo aqueles que viveram esse período em Camargos, como D. Florípes, nunca houve desentendimentos entre os presentes na festa, devido a embriaguez provocada pelo vinho.

As quitandas, por sua vez, eram produzidas em Camargos, pela rainha, com a ajuda das mulheres de sua família ou encomendadas junto às quitandeiras do lugar, como a Dona Albertina, conforme depoimentos de D. Florípes e do Sr. Darío. Feitas artesanalmente basicamente de farinha de trigo, as quitandas como: bolos, roscas, pão cabeça de negro, pão folhado, brevidade, biscoitos de bicarbonato, biscoito tareco e bolinhos de feijão, eram consumidas, assim como o vinho, fartamente pelos participantes durante a festa de Nossa Senhora do Rosário.

### 3.3. A Festa de Santa Efigênia

Santa Efigênia ou santa Ifigênia, religiosa etíope, “foi mártir dos primeiros anos do cristianismo, tendo sido batizada pelo apóstolo Mateus. Em respeito ao voto de castidade, se recusou a casar com o herdeiro do trono da Etiópia. É festejada pela Igreja em 21 de setembro”<sup>37</sup>. Em Camargos santa Efigênia era celebrada na segunda-feira seguinte à festa de Nossa Senhora do Rosário.

As homenagens à santa Efigênia eram as mais simples entre todas realizadas pela comunidade de Camargos. Consistia apenas de uma procissão realizada na tarde da segunda-feira pelas ruas do arraial e uma missa celebrada à noite na igreja.

Sobre a razão de se fazer a festa de santa Efigênia junto com a de Nossa Senhora do Rosário, é possível que isso tenha começado a pedido de algum devoto

---

<sup>37</sup> ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL, edição 2000. versão em CD.

da santa, que queria prestar as suas homenagens e aproveitou a presença do padre e dos muitos visitantes, presentes em Camargos para a festa de Nossa Senhora do Rosário, para também festejar santa Efigênia. Porém não encontrei nenhum indício que possa confirmar tal afirmação.

Atualmente santa Efigênia não é mais festejada em Camargos, tendo o seu festejo deixado de existir na mesma época em que a festa de Nossa Senhora do Rosário se extinguiu.

### 3.4. A Festa da Santa Cruz

A festa da Santa Cruz ou do Santo Cruzeiro, conforme depoimentos como os do Sr. Dario e da D. Maria Jorge, foi sempre realizada em Camargos no mês de maio, sempre que possível no dia 3 (dia dedicado pelos cristãos à Santa Cruz) . Esteve extinta por muitos anos, até que um grupo de moradores de Camargos, há alguns anos atrás, no mês de maio, decidiu rezar aos pés do cruzeiro de pedra e depois aos pés do cruzeiro de madeira (postado onde um dia existiu a primeira capela do arraial). Com o passar dos anos mais pessoas começaram também a rezar junto com os moradores e a festa aos poucos foi voltando a ser, em parte, como era no passado.

Segundo os antigos moradores de Camargos. como a D. Sinhá e o Sr. Dario, a festa do Santo Cruzeiro não é totalmente como era no passado, hoje as rezas não são as mesmas rezadas no passado e também não são mais recitadas em latim. Segundo informações da D. Sinhá, as rezas originais se perderam com a morte das antigas rezadeiras, como a sua mãe. Atualmente a festa ainda conserva do passado a tradição de se enfeitar o cruzeiro de madeira e o cruzeiro de pedra, e de iluminar o caminho

entre os cruzeiros com lamparinas, apesar de que no passado as lamparinas eram feitas com velas ou com tinteiros, e hoje são feitas de gomos de bambu cheios de óleo diesel.

O festejo da Santa Cruz hoje em dia, assim como no passado, é realizado aos pés do cruzeiro de madeira e consiste em apenas uma procissão que sai da casa do festeiro, percorre as ruas do distrito, parando aos pés de cruzeiro de pedra onde se reza, depois segue até o cruzeiro de madeira, quando termina a procissão e são feitas as rezas finais. A festa é encerrada com oferecimento para os presentes de guloseimas como canjica, quentão e caldos.

**Foto N.º 4 – Cruzeiro de Madeira Enfeitado para Festa**



Foto de Dario Jorge Pereira

## 4. Conclusões

Sérgio Alves Teixeira em seu livro “Os Recados das Festas”, afirma que: “Em sua conotação mais essencial a palavra festa remete à noção, coletivamente vivenciada, de alegria, bem-estar, felicidade, satisfação, amizade, descompromisso.”<sup>38</sup> No arraial de Camargos no período analisado, a palavra festa para o povo, é tudo isso e algo mais. É um momento de demonstrar publicamente a sua devoção e a sua gratidão para com um determinado santo ou santa.

Depois de estudar as origens do arraial de Camargos, de conhecer um pouco sobre como era a vida e as tradições culturais e religiosas de seu povo, no período que vai do início do século XX até os dias atuais, novamente atrevo-me a afirmar que a cultura dentro da comunidade de Camargos, nesse período, gira entorno das festas religiosas, ou melhor dizendo, as principais manifestações culturais da gente do lugar, existem para celebrar a religiosidade.

Esse fenômeno não é exclusivo da comunidade de Camargos, basta lembrar que em quase todos os lugarejos e cidades do interior de Minas Gerais as principais manifestações culturais, sempre estiveram atreladas às tradições religiosas, que em sua quase totalidade foram herdadas dos portugueses que a fascinação do ouro atraiu para as Alterosas. A grandiosidade e riqueza artística dos templos religiosos erguidos em cidades como Mariana e Ouro Preto constituem prova incontestável do domínio e da influência da tradição religiosa sobre a cultura e a arte. em Minas Gerais.

Concluo esse meu trabalho de pesquisa, novamente afirmando que a tradição religiosa em Minas Gerais, em especial nos arraiais e cidades do interior, exerceu e ainda exerce grande influência sobre a cultura. Desde gênios artísticos como o

Aleijadinho, até pessoas simples como as da comunidade de Camargos, tem a sua vida cultural marcada pela tradição religiosa, herdada dos primeiros desbravadores portugueses e influenciada por outras culturas como as dos negros, oriundos da África.

Espero ter atingido os objetivos de minha pesquisa, conseguindo de alguma maneira, comprovar as minhas afirmações. Enfrentei uma certa dificuldade para tal, haja vista a quase inexistência de obras que tratem do tema das festas religiosas, em especial as realizadas nos arraiais do interior de Minas Gerais, no período que vai do início do século XX até a atualidade. Contudo consegui desenvolver o meu trabalho de pesquisa utilizando também fontes orais, como as entrevistas com as pessoas mais velhas de Camargos e pesquisando em arquivos públicos, como o Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana.

---

<sup>38</sup> TEIXEIRA, Sérgio Alves. Os Recados das Festas: Representações e Poder no Brasil. Cap. 2, Festa é uma Coisa Boa. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988, p. 23.

## 5. Bibliografia

### 5.1. Livros Citados e/ou Consultados

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. 3.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

CASCUDO. Luís da Câmara. *Civilização e Cultura: Pesquisas e Notas de Etnografia Geral*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

DEL PRIORE, Mary & VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2001.

LAKATOS. Eva Maria & MARCGNI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3.<sup>a</sup> edição. São Paulo. Atlas. 1991.

MORAES FILHO, Melo. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Brasília, 2002.

RIBEIRO, Wagner. *Noções de Cultura Mineira*. Editora FTD, Belo Horizonte, 1966.

TEIXEIRA. Sérgio Alves. *Os Recados das Festas: Representações e Poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore. 1988.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Paz e Terra, 1988,

TÍNHORÃO. José Ramos. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo. Editora 34, 2000.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro. 1945.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga cias Minas Gerais*. 1.º volume, 4.a edição. Belo Horizonte. Itatiaia, 1974.

## 5.2. Artigos Citados e/ou Consultados

PEREIRA, Dario Jorge. *Histórico de Camargos*. Material de divulgação do distrito de Camargos, distribuído pela comunidade durante as festas.

## 5.3. Dicionários

ATTWATER, Donald. *Dicionário de Santos*. Tradução de Maristela R A Marcondes e Wanda de Oliveira Roselli. São Paulo: Art Editora, 1991.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte. 1971.

CHEVALIER, Jean & GHEERBAT. Alan. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número)*. Colaboração de André Barbault. Tradução Vera da Costa e Silva. Editora José Olympio. 5.ª edição, Rio de Janeiro, 1991.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*, Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. Editora Moraes, São Paulo, 1984.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil: séc. XVI- XVII - XVIII*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1989.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 14.<sup>a</sup> edição,  
Lisboa  
Livraria Bertrand, Rio de Janeiro Editora Mérito S/A, 1949.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução de Mário Krauss e  
Vera Barkow. Editora Martins Fontes, São Paulo. 1997.

#### 5.4. Sites da Internet, Enciclopédias e Dicionários Eletrônicos

DICIONÁRIO MICHAELIS/UOL, edição 2001, versão em CD.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL, edição 2000, versão em CD.

Site oficial da Prefeitura Municipal de Mariana - \www.mariana.mu.gov.br

#### 5.5. Fontes Primárias

Códice F.31, custodiado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

RODRIGUES, Flávio Carneiro. *Glossário do Arquivo Eclesiástico da  
Arquidiocese de Mariana*.

Livros Paroquiais (Batizados, Casamentos, Óbitos, Irmandades), custodiado  
no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. sala 20.

Pasta de Inventário (MMG Mariana - Igreja A - P: envelope: Ig. de Conceição -Camargos) Arquivo Central Rio - SPHAN/Pro-Memória. Custodiada no escritório do IPHAN em Mariana.

## 5.6. Entrevistas

Florípes Alves Cardoso, entrevistada em Ouro Preto no dia 08/11/2003.

Geraldo Cardoso, entrevistado em Mariana no dia 12/11/2003.

Dario Jorge Pereira, entrevistado em Mariana no dia 12/11/2003.

Maria Jorge Barbosa de Paula, entrevistada em Mariana no dia 11/03/2004.

Maria Isabel Diniz da Silva, entrevistada na Fazenda da Palha no dia 1.705/2004.